



ÚLTIMAS OPINIÃO POLÍTICA ECONOMIA IMOBILIÁRIO REVISTA INTERNACIONAL SOCIEDADE GERAÇÃO



Por **Iberdrola** Quanto Mais Gasta, Mais Poupa Adira aqui

Exclusivo

ÁSIA

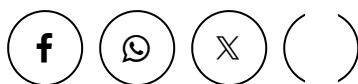
Washington pediu explicações à Malásia sobre a política em relação a Israel. A resposta? “Não vamos ceder”



Primeiro-ministro da Malásia, Anwar Ibrahim **HOW HWEE YOUNG**

O país asiático proíbe a entrada de cidadãos de Israel e anunciou recentemente ter expulsado um cidadão com nacionalidade americana e israelita. Os Estados Unidos pediram explicações ao embaixador malaio, mas o diretor de política externa no Instituto para os Estudos Internacionais e

Estratégicos da Malásia não antecipa que a continuidade da política do país afete as relações bilaterais



14:01

**Salomé Fernandes**

Jornalista da secção internacional

Escolha o Expresso como fonte preferida no Google

Os Estados Unidos da América (EUA) e a Malásia estão em polos opostos no que toca às relações com Israel. O primeiro [dá a Telavive](#) milhares de milhões de dólares por ano em ajuda militar; o segundo não reconhece Israel. E as tensões em torno desse desalinhamento na política externa voltam a sentir-se este mês, depois de a Malásia ter expulsado um cidadão com dupla nacionalidade (de Israel e dos EUA).

Quem for detentor de passaporte israelita está proibido de entrar no país do sueste asiático sem permissão do respetivo Ministério dos Assuntos Internos. O primeiro-ministro da Malásia rejeita, porém, que tal política seja antissemita. **“Não estamos a insultar os judeus. Somos contra o que Israel está a fazer.** Estamos a ser rotulados como se fossemos contra um certo grupo. Somos apenas contra países que oprimem outros”, afirmou Anwar Ibrahim na semana passada, citado pelo jornal [“South China Morning Post”](#).

CONFLITO NO MÉDIO ORIENTE

Trump diz que Israel “não sobreviveria” sem os EUA e que vende caças F-35 à Turquia se assim entender

Leia também >

Tudo começou com alegações de que cidadãos israelitas tinham entrado na Malásia com passaportes emitidos por outros países e integrado a Network School, comunidade de nómadas digitais criada pelo empresário Balaji Srinivasan, aponta o jornal “[Business Times](#)”. As autoridades avançaram com uma investigação e, de início, não foram detetados casos, mas a licença de negócio da Network School acabou por ser revogada.

Segundo o [Channel News Asia](#), as autoridades locais concluíram que a **empresa infringiu as condições de licenciamento e entrou em incumprimento** quanto ao uso aprovado das instalações.

CONGRESSISTAS PEDEM ULTIMATO

Entretanto, o ministro dos Negócios Estrangeiros anunciou que fora detetada a entrada no país de um cidadão com nacionalidade americana e israelita, através do passaporte dos EUA. “Verificações posteriores revelaram que também tinha cidadania israelita, e pedimos-lhe que saísse”, afirmou Mohamad Hasan, citado pela [ABC News](#).

O incidente passou para o campo diplomático, com os EUA a convocarem o embaixador malaio para explicar a posição do seu país. A isso juntou-se uma carta de oito congressistas americanos ao secretário de Estado Marco Rubio, em que apelavam a um ultimato: **reverter a decisão de proibição de entrada de cidadãos israelitas no prazo de 15 dias, ou cortar financiamento para treinos militares**, segundo noticiou a agência [Reuters](#).

CONFLITO NO MÉDIO ORIENTE

Netanyahu visita Trump pela sétima vez: a amizade que a guerra pôs à prova está agora sob pressão eleitoral
Leia também >

O primeiro-ministro malaio, no entanto, promete continuidade na sua política externa. “**Somos um país soberano e independente. Não vamos ceder nem permitir que um único israelita entre na Malásia**”, afirmou.

Apesar da divergência, Thomas Daniel, diretor de política externa no Instituto para os Estudos Internacionais e Estratégicos (ISIS) da Malásia, considera “improvável” que o incidente tenha impacto nas relações entre os dois países. “A política da Malásia em relação a Israel e aos seus cidadãos é de longa data e não afetou negativamente décadas de laços diplomáticos e cooperação de segurança com os EUA”, respondeu por escrito ao Expresso. Acrescenta que, apesar disso, a Malásia “terá de acompanhar de perto” a opinião em Washington.

RESPONSABILIZAR ISRAEL

A Malásia reconhece o Estado da Palestina e tem expressado o seu apoio. Em setembro do ano passado, o Ministério dos Negócios Estrangeiros [indicou](#) que “o Estado da Palestina, incluindo a sua soberania, integridade territorial e o direito de milhões de refugiados palestinianos a regressar, todos eles garantidos sob o direito internacional, devem ser parte da solução para a questão da Palestina”. Na nota, a Malásia defendeu ainda a **necessidade de responsabilizar o regime de Israel** “pelas suas persistentes violações do direito internacional, crimes de genocídio, de guerra e contra a Humanidade”.

CONFLITO NO MÉDIO ORIENTE

Israel está a construir um muro em Gaza: já ocupa mais de metade do território e pode tornar-se a nova fronteira

Leia também >

MUDANÇA DE EMBAIXADOR

Se agora Washington quis explicações, no passado o posicionamento americano gerou descontentamento civil na Malásia. Em outubro de 2025, milhares de malaios [protestaram](#) junto à embaixada dos EUA em Kuala Lumpur para exigir que o país pressionasse Israel a deixar entrar em Gaza navios com ajuda humanitária e a libertação de participantes na flotilha.

Quando o *influencer* autoproclamado “macho-alfa” Nick Adams — que fez publicações na [rede social X](#) a defender que “se não apoias Israel,

apoias terroristas” — foi nomeado embaixador dos EUA na Malásia, houve oposição. O antigo ministro da Justiça Zaid Ibrahim disse que a escolha “seria um insulto”, citou o jornal britânico [“The Guardian”](#).

O nome de Adams acabou por ser posto de parte e, este mês, foi conhecida a nova proposta: Joshua Harris. A [candidatura](#) apresentada ao Senado descreve que a sua experiência diplomática e “comprovada capacidade de liderar equipas interinstitucionais em ambientes complexos e desafiantes, tornam-no altamente qualificado para servir como embaixador dos EUA na Malásia”.

“O sentimento predominante na comunidade de política externa é que **um diplomata de carreira é muito mais adequado para o cargo do que a maioria dos nomeados políticos**. A Malásia está habituada a ter este tipo de embaixadores de Washington e prefere que assim continue”, analisa Daniel.

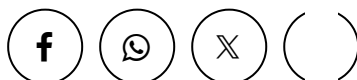
RELACIONADOS

Netanyahu tenta recuperar confiança de Trump, mas o Irão ainda os divide: reunião foi “positiva e produtiva”, diz Casa Branca

Israel está a construir um muro em Gaza: já ocupa mais de metade do território e pode tornar-se a nova fronteira

Netanyahu visita Trump pela sétima vez: a amizade que a guerra pôs à prova está agora sob pressão eleitoral

Trump diz que Israel “não sobreviveria” sem os EUA e que vende caças F-35 à Turquia se assim entender



Tem dúvidas, sugestões ou críticas? Envie-me um e-mail:

clubexpresso@expresso.impresa.pt